

# Evangélicos perdem força no Congresso

*Concorrência farta e fisiologismo não convencem os fiéis*

Christiane Samarco

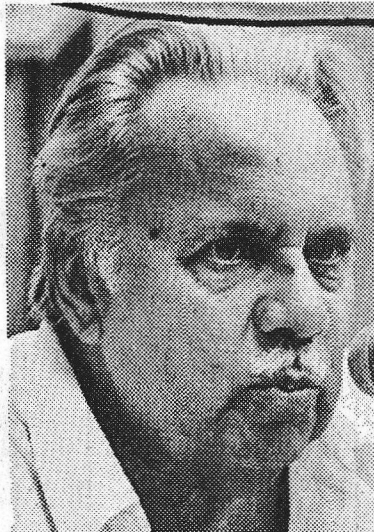
**B**RASÍLIA — “Semearam ventos, colheram tempestades. Não terão espigas, e o grão não dará farinha; e mesmo que a desse, seria comida pelos estrangeiros” (Livro do profeta Oséias, VIII,7). Como na passagem bíblica do “anúncio do exílio”, as urnas de 1990 foram implacáveis com os congressistas evangélicos. Eles somam na atual legislatura 34 deputados e chegaram ao status de terceira maior bancada da Câmara, superada apenas pelo PMDB e PFL. Agora, reduzidos a menos da metade, colhem os dissabores dos envolvimento em práticas fisiológicas: seus votos teriam sido trocados por boas quantias em dólar e canais de rádio e televisão.

Levantamento realizado pela Cap Software, empresa de consultoria que tem a Presidência da República entre seus clientes, indica que, dos 34 deputados eleitos em 86 com os votos dos fiéis, apenas sete conseguiram se reeleger. A bancada dos evangélicos no novo Congresso terá somente 15 deputados. “Lamentavelmente, algumas igrejas me desprezaram, propiciando o oportunismo de outros candidatos para satisfazerem algumas de suas justas necessidades”, queixou-se o deputado e ministro evangélico Antônio de Jesus (PMDB-GO), atribuindo sua derrota ao poder econômico e à grande concorrência entre os próprios evangélicos.

**Denúncias** — “Temos que reconhecer que decepçamos nossa comunidade, e os irmãos preferiram dar a oportunidade da eleição a outros, fora das igrejas”, reconhece o deputado João de Deus Antunes (PDS-RS). No PDS há menos de um ano, depois de ter sido desligado do PDT por ter votado a favor dos cinco anos para o presidente José Sarney, João de Deus conta que conseguiu sua reeleição a duras penas, e queixou-se de uma campanha desmoralizadora contra os evangélicos.

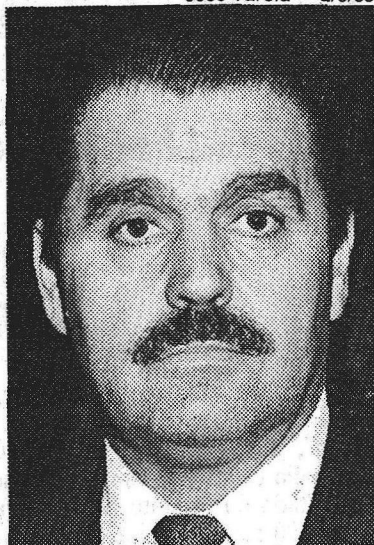
Além de ter que driblar a descrença geral do eleitorado em relação à classe política, João de Deus diz que teve que fazer um trabalho enorme dentro das igrejas, junto aos fiéis, tentando provar que era um homem honesto. “Só fiquei no Centrão (grupo

Carla Rio — 20/8/88



**Daso: 23 anos na Câmara**

José Varela — 2/5/88

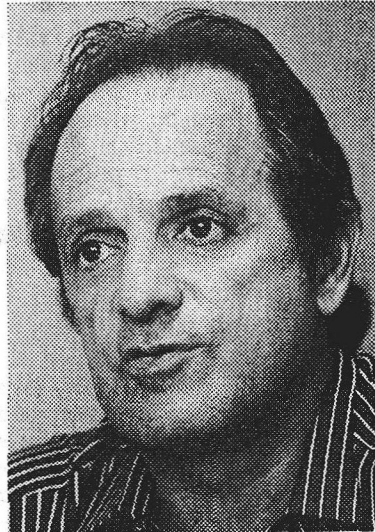


**Iensen: com o governo**

conservador que atuou a favor do governo na Constituinte) por um mês, e tive nota 6 do Departamento Inter-sindical de Assuntos Parlamentares. Mesmo assim, levei um tempo enorme tentando desmentir que havia recebido cinco emissoras de rádio, três postos de gasolina e Cz\$ 50 milhões, em troca de votos a favor do governo”, conta o deputado e pastor da Assembleia de Deus. Por pouco, João não obteve a recompensa divina por sua luta para manter o nome de Deus no preâmbulo da Constituição. Foi reeleito com 20 mil votos a menos e ficou em último lugar no partido.

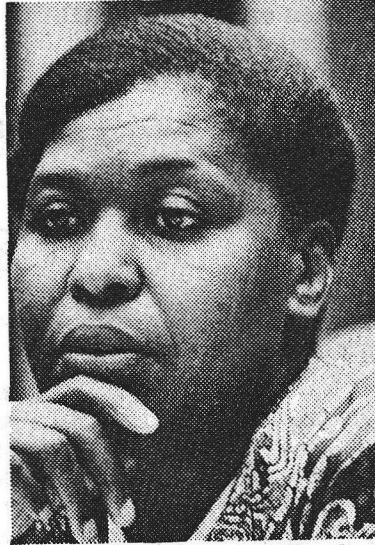
**Concorrência** — Dissidente do grupo e autor de várias denúncias contra os evangélicos, o deputado Lysâneas Maciel (PDT-RJ) perdeu a eleição mas festeja a redução da bancada. Lysâneas, como a deputada evangélica Benedita da Silva (PT-RJ), que teve mais sorte que ele nas urnas

Almir Veiga — 10/2/82



**Lysâneas critica postura**

Gilberto Alves — 4/5/88



**Bené: dissidente radical**

de 90, foi um dissidente de primeira hora: saiu assim que percebeu que o grupo assumiria apenas a luta em questões ligadas à moral - contra o aborto e pela censura à pornografia na tevê, por exemplo, evitando assuntos polêmicos como a reforma agrária.

“Não devemos incorrer no mesmo erro da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), que até na pregação tem abandonado os aspectos religiosos para abordar questões ideológicas”, defendia à época o deputado Fausto Rocha (PRN-SP), reeleito pela Igreja Batista. “Eu fiz a profecia de que acabariam vítimas de sua obsessão moralista e acertei. O grupo acabou envolvido em escândalos de rádios e propinas em que a votação de cada item do interesse do governo na Constituinte valia 50 mil dólares”, acusou Lysâneas.

“As críticas que Lysâneas fez pe-

saram muito, mas ele se preocupou tanto com elas que esqueceu sua campanha e perdeu a eleição”, disparou João de Deus, que chegou a esmurrar o “irmão” dentro do plenário da Câmara. Divergências à parte, eles concordam que a concorrência de evangélicos dentro das próprias igrejas dificultou a reeleição de todo o grupo. “Desta vez eu tive que disputar com outros quatro os votos dos evangélicos no Rio Grande, que na eleição passada foram todos para mim”, diz João de Deus.

Mas a concorrência mais acirrada aconteceu no Rio de Janeiro, onde não escaparam nem mesmo a popularidade e a experiência política do deputado Daso Coimbra, que tinha uma cadeira cativa na Câmara Federal há exatos 23 anos. Ex-líder do Centrão, conhecido pelas previsões matemáticas que fazia durante as votações da Constituinte, Daso teve que enfrentar nada menos que 38 candidatos aos votos dos fiéis. “Os evangélicos descobriram que ser deputado federal é um bom negócio”, conclui Lysâneas.

**Adesismo** — Apesar de reduzida, o poder de fogo da bancada evangélica ainda traz preocupações, pelo menos para Lysâneas. É que está entrando no congresso um grupo novo e poderoso, que não tinha representação na legislatura passada. “Trata-se do grupo da Igreja Universal do Reino de Deus, cuja origem de bens é muito suspeita”, diz. Refere-se o deputado ao advogado e empresário Alberto Felipe Haddad Filho (PRN-SP), 34 anos. Segundo perfil elaborado pela Cap Software, o pastor é um iniciante na política, mas um próspero administrador de suas 12 empresas que ganhou notoriedade com a compra da Rede Record de Televisão.

“Soube que ele tem 13 emissoras de rádio, além da TV pela qual teria pago 45 milhões de dólares à vista”, contou Lysâneas, certo de que Haddad elegeu pelo menos meia dúzia de federais em vários estados e que não entraram na conta do novo grupo evangélico. A julgar pela reeleição do irmão Matheus Iensen (PTB-RJ), que ganhou notoriedade na Constituinte com a emenda dos cinco anos para José Sarney, a tendência governista da bancada evangélica será mantida. Conservador, segundo dados fornecidos pela Cap, Iensen não nega que é situacionista seja qual for o governo. É que, segundo o deputado, a bíblia garante que os governantes são designados por Deus e, por isto, não podem ser contestados.